

ECOS SHAKESPEARIANOS EM “TEORIA DO MEDALHÃO”

SHAKESPEAREAN ECHOES IN “TEORIA DO MEDALHÃO”

Júlio César Larroyd¹

RESUMO

Inúmeros são os textos que investigaram a presença de Shakespeare na obra de Machado de Assis, apontando desde inferências sutis a paráfrases explícitas. O presente artigo inclui-se nesta lista ao tomar como objeto de análise o excerto do ato I, cena III, da Tragédia de Hamlet, em que a personagem Polônio dá valiosos conselhos ao seu filho Laertes. O conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, está estruturado de forma análoga: um pai aconselha seu filho. A proposta deste artigo é analisar a relação “*palimpsestosa*” entre o conto machadiano e o excerto de Shakespeare.

Palavras-chave: Machado de Assis, William Shakespeare, Intertextualidade.

ABSTRACT

There are countless texts that have looked into the presence of Shakespeare in the work of Machado de Assis, pointing out from subtle inferences to explicit paraphrases. The present article is included in this list by taking as its object of analysis the excerpt from act I, scene III, of the Tragedy of Hamlet, in which the Character Polonius gives valuable advice to his son Laertes. The short story *Teoria do Medalhão*, by Machado de Assis, is structured in a similar way: father advises his son. The purpose of this article is to analyse the "palimpsestuous" relationship between the Machado tale and Shakespeare's excerpt.

Keywords: Machado de Assis, William Shakespeare, Intertextuality

Considerações iniciais

Não é ignorada a proximidade que Machado de Assis manteve com o teatro seja como espectador, crítico ou dramaturgo. Como crítico teatral, teve o primeiro texto, *Ideias Vagas*, publicado no folhetim *Marmota Fluminense*, em 31 de julho de 1856². No ensaio, afirma que através do teatro “se conhece o estudo e o grau de civilização de um povo” e convoca a população para ir ao teatro ver a sociedade representada no palco:

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras pelo PPGLT – UFRGS. E-mail: jclarroyd@gmail.com

² *A Marmota*, n. 753, 31/07/1856.

Ao Teatro! Ao teatro ver as composições dramáticas da época, as produções de Eméry e Bourgeois! - Ao teatro ver a sociedade por todas as faces: frívola, filosófica, casquilha, avara, interesseira, exaltada, cheia de flores e espinhos, dores e prazeres, e sorrisos e lágrimas! – Ao teatro ver o vício em contato com a virtude; o amor no coração da mulher perdida. Como a pérola no lodo do mar; o talento separado da ignorância apenas por um copo de champanhe! – Ao teatro ver as cenas espirituosas da comédia moderna envolvendo uma lição de moral em cada dito gracioso; ver a interessante *coquette* que jura amor em uma valsa e perjura em uma quadrilha; ver o literato parasita que não se peja de subir as escadas de mármore do homem abastado, mas corrupto, curve-se cheio de lisonja para ter a honra de sentar-se a seu lado e beber à saúde!
Ao teatro! Ao teatro!

Nesse texto fica evidente o entusiasmo com a arte que estava em plena ebulição e que deveria, supostamente, espelhar os germens dos problemas sociais, levar o público à catarse e por intermédio dela refletir a sua própria condição enquanto povo. Entretanto, seu entusiasmo perde força e concede lugar a uma crítica mais ácida sobre o fazer teatral, focada não apenas nas produções, mas também nos produtores.

Visionário para seu tempo, Machado de Assis já identificava a necessidade da formação de espectadores capazes de decodificar a arte dramática e seus signos. Para ele, este era o caminho para a construção de uma identidade teatral que tencionasse mais que simplesmente o entretenimento. Tais aspectos são percebidos no periódico *O Espelho* no qual, em 25 de setembro de 1859, sua crítica dispara: “a iniciativa em arte dramática não se limita ao estreito círculo do tablado – vai além da rampa, vai ao povo. As plateias estão aqui perfeitamente educadas? A resposta é negativa” (Assis, n.p.,1859).

Para além de todo esse percurso intelectual como crítico, estreou como dramaturgo, em 1862, com a peça *O caminho da porta*. Participando da vida teatral brasileira ativamente, entrou em contato com inúmeros autores, mas um deles se tornou assíduo em seus textos: William Shakespeare. São frequentes as referências diretas ou indiretas às obras, temas e personagens do Bardo nos contos e romances machadianos. Inúmeros estudos buscam identificar referências e inferências shakespearianas na obra do Bruxo do Cosme Velho. Em *Machado e Shakespeare, intertextualidades*, Adriana Teles realizou ampla análise intertextual e afirma que

Shakespeare foi constantemente citado por Machado ao longo dos mais de cinquenta anos de sua carreira. O nome do dramaturgo e/ou

suas referências diretas ou indiretas às suas peças ultrapassam número de trezentas citações/alusões em cerca de 170 textos, considerando o todo de sua obra, seja ela ficção ou não (Teles, 2017, p.27).

Diante de dados tão expressivos apontados pela autora, torna-se necessário questionar se ainda é factível encontrar referências inéditas de Shakespeare nos textos do maior escritor brasileiro. Por certo, um leitor curioso, e decidido a realizar tal senda, poderá identificar pontos de contato e talvez estas referências não serão evidentes como a presença de *Otelo* em *Dom Casmurro*, mas outras, veladas nas entrelinhas da genialidade machadiana, como a proposta apresentada no presente texto: a de que em *Teoria do medalhão*, conto de 1881, publicado no *Gazeta de Notícia*, e que posteriormente passou a fazer parte da coletânea *Papéis Avulsos*, é possível reconhecer certa inferência feita por Machado de Assis de fragmento específico da tragédia do príncipe Hamlet: o diálogo entre a personagem Polônio e seu filho Laertes.

O excerto em questão está no Ato I, cena III. Esse momento da peça antecede a partida de Laertes para França e, antes de se despedir, o jovem em conversa íntima com sua irmã, Ofélia, sugere que ela mantenha distância de *Hamlet*. Essa cena é curta, mas tem um peso indescritível na peça. O afeto de Ofélia por Hamlet é recriminado por Laertes ao afirmar que ela não deve desejar o príncipe para si, já o próprio Hamlet não pertence a si próprio, afinal, ele é um homem público, e como tal, deve obrigações para com sociedade, portanto, não é livre para amar ou para desejar. A preocupação de Laertes é com a honra da irmã, mas antes de encerrar sua conversa com a irmã, Polônio, pai dos jovens, os interrompe e interpela seu primogênito, questionando por que ele ainda está no castelo e não a caminho da embarcação que o conduzirá a seu destino. Nesse instante, Polônio inicia seu solilóquio com conselhos de como Laertes deve se comportar em sociedade. Observe-se:

POLÔNIO:

Ainda aqui, Laerte! A bordo, a bordo!
Vamos!
O vento já pousou nos ombros do navio;
Só esperam por ti. Recebe minha benção,
E esses poucos preceitos em tua memória busca gravar. Não dê voz aos teus pensamentos,
Nem transformes em ato um juízo desregrado.

Mostra-te familiar, porém jamais vulgar.
Os amigos, depois de testada a adoção,
prende-os bem firme na alma com grampos de aço,
Não vás cansar tua mão entretendo um comparsa
Implume que nem bem saiu do ovo. Teme
Sempre entrar em contendas, mas, uma vez dentro,
Sustenta até o rival ter respeito por ti.
Dá a todos ouvidos, e a poucos tua voz.
Toma a opinião de todos, mas reserva a tua.
Quanto às roupas, de acordo co'ó peso de bolsa,
Sem pavoneios. Ricas-sim-, mas não gritantes.
Pois as roupas amiúde revelam o homem,
E, na França, os que têm melhor estado e posto
São nisso de uma nobre e seleta ascendência.
Não peças emprestado e também não emprestes,
Pois quem empresta perde o amigo e o dinheiro,
E quem pede emprestado embota o seu erário.
E sobretudo isto: se fiel a ti mesmo,
Que isso há de seguir-se, como a noite ao dia,
Que desleal não serás a homem algum que seja.
Adeus, e que essa bênção mature isto em ti.
(Shakespeare, 2015, p.69).

Após receber os conselhos do pai, Laertes parte em sua jornada, e o foco retorna à Ofélia, que agora será constantemente recriminada por Polônio pelo seu envolvimento com o príncipe. Ao término da cena, Polônio ordena: “Não quero, daqui em diante, para ser bem claro, que você me conspurque um segundo sequer falando ou conversando com o príncipe Hamlet.” (Shakespeare, 2015, p.71). Como diante de tamanha opressão sofrida por uma mulher, os conselhos de um velho pai a seu filho conseguiriam ganhar importância diante dos olhos do leitor? E permitindo alguma digressão do tema central deste texto, note-se que Laertes recebe conselhos de como agir, já Ofélia recebe ordens. Retornando ao cerne da questão, a conversa que ocorre entre pai e filho no conto *Teoria do medalhão* é similar ao diálogo entre Polônio e Laertes, o que permite sugerir que o pequeno trecho shakespeariano pode ter sido a força motriz para o enredo do conto machadiano. A questão da intertextualidade é uma tônica na obra de Shakespeare, Lawrence Flores, tradutor da peça *Hamlet* para a coleção *Penguin Classics*, já na introdução explica que Hamlet não era roteiro original de Shakespeare, e esclarece que

Quando Shakespeare compôs Hamlet, entre 1599 e 1600, a história de seu herói malgrado não era uma novidade no teatro inglês elisabetano e muito menos para Shakespeare. Uma peça semelhante estivera no repertório do teatro londrino pelo menos desde o final de 1580. O pouco que sabemos sobre essa peça, que os estudiosos

denominaram hipoteticamente de Ur-Hamlet, vem de alguns fragmentos soltos [...] (Flores, 2015 p.7).

Além de Ur-Hamlet, Lawrence sugere a presença de outra referência: o personagem Amleth criado pelo autor francês renascentista dedicado à tradução e à poesia François de Belleforest: “uma história que o próprio autor francês havia adaptado a partir de uma narrativa semelhante, escrita por Saxo Grammaticus no século XII” (Flores, 2015, p.8). Como observado, a interlocução não ocorre apenas entre os autores –Shakespeare em diálogo com outros autores e posteriormente, Machado se inseriu nesse diálogo– também os gêneros dramático e narrativo procedem com uma fertilização recíproca.

Das relações palimpsestuosas

Gérard Genette em *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, conceitua a prática de intertextualidade como as múltiplas possibilidades de relações e conexões em diversos níveis entre os textos, caracterizando uma fenomenologia da interação que pode assumir caminhos diversos de acordo com sua natureza. Afirma Genette (2010, p.25) que “é próprio da obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, evoque alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais”, ou seja, que haja contato direto ou indireto entre os textos. Como se procurará apontar adiante, existem ranhuras, vestígios que permitem identificar o texto de Shakespeare no conto *Teoria do medalhão* e apontam para a prática da intertextualidade.

Para Samoyault (2008) duas matrizes podem ser consideradas nas relações intertextuais. Na primeira delas um texto está presente de forma nítida em outro, para isso, utiliza-se dos recursos das aspas ou referências. Na segunda um texto deriva de outro, mas não tem em sua superfície índices que apontem a presença do texto originário.

A alusão pertence ao campo da segunda categoria, e ocorre de maneira indireta, sem obviedades, sem ser explícita. Para sua identificação depende do processo de leitura e do trabalho hermenêutico, a partir deles, o leitor pode identificar o contato entre a obra aludida e a que ela alude. A hipótese aqui é que Machado faz uso dela ao reinscrever o trecho da peça de Shakespeare. De posse desses conceitos expostos, pode-se tomar *Teoria do medalhão* como uma alusão machadiana do trecho de *Hamlet* adaptada à realidade brasileira, caracterizando assim, relação palimpsestuosas entre os textos.

Relação esta que ocorre, primeiramente, pela forma que Machado recria em seu conto a cena de um pai dando conselhos ao seu filho.

Outra perspectiva é encarar *Teoria do medalhão* como adaptação do excerto da peça inglesa. Em última análise, como explicita Hutcheon (2013) adaptar “tal como a tradução é uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para o outro”. Entretanto, adaptar, tal como no processo de tradução, não é apenas a recodificação de uma obra de um gênero para outro (dramático – narrativo), ou entre mídias (cinema – teatro). Retomando dentro dos pressupostos sugeridos por Hutcheon, e aceitando-se o conceito expandido de adaptação, o exercício de adaptar é apreendido como comprimir ou estender uma obra, realizando-se cortes ou extensões em sua trama, enredo, personagens e situações.

Essas transposições podem ocorrer de uma cultura para outra, em modos e tempos distintos da obra de origem. Para isso, muda-se o gênero das personagens, sua etnia, classe social, religião e diversos outros aspectos que caracterizam a indigenização da obra, ou seja, sua realocação em uma nova cultura. Adaptar é, portanto, um movimento de desconstrução, de fragmentação de uma obra e a posterior reconstrução a partir de seus próprios fragmentos e a interpolação de outros, caracterizando assim uma espécie de bricolagem.

Esse é o trabalho de escrita realizado por Machado de Assis, que parte de um pequeno fragmento da obra shakespeariana, tenciona e estende o conflito ao máximo, extraindo dele tudo que é possível para constituir uma obra nova e única. O escritor brasileiro recruta elementos da cena de *Hamlet* para constituir o enredo de seu conto. Dito de outro modo, a inspiração de Machado para escrever *Teoria do medalhão* emerge da leitura e interpretação que ele fez do diálogo entre Polônio e Laertes, adaptando-o à realidade brasileira. A prática de adaptar enredos foi comum no Brasil do século XIX, nesse momento, o teatro no Brasil espelhava-se no teatro realista francês. A falta de identidade própria e de uma linguagem dramática essencialmente brasileira, levou a maioria dos dramaturgos a “abrasileirar” espetáculos franceses parcial ou totalmente. Como aponta Magaldi (1997, p.80) referindo-se à adaptação da ópera *O Primo da califórnia*, “imitada do francês, teve significação histórica mais ampla: nacionalizou-se completamente um espetáculo parisiense do tempo. Não era só o texto, que a própria edição consignava como preso ao modelo europeu”.

Esta prática não ocorreu apenas na dramaturgia, mas também na troca de gêneros literários (drama-narrativa) e linguagens (teatro-literatura). Entre *Hamlet* e *Teoria do medalhão* a transcodificação machadiana ocorre do gênero dramático para o narrativo. Entretanto, Machado constrói seu texto em sua totalidade por diálogos, não há presença de um narrador, as falas seguem em sequência e toda a ação ocorre no tempo presente, atribuindo ao conto movimento e fluxo característico de um texto do gênero dramático.

Como resultado de todo esse processo de recepção e adaptação do excerto shakespeariano tem-se um texto que retrata a realidade brasileira à época de Machado, tão distante e diferente da aristocracia inglesa retratada pelo Bardo. Entretanto, os afetos que atingem tanto o pai dinamarquês, quanto o brasileiro são os mesmos: preocupações e medo. Movidos por esses afetos, orientam seus descendentes a buscarem um futuro melhor.

Entre pais e filhos

Em cada um dos textos, cada pai, a seu modo, traça um panorama da sociedade que o cerca e estabelece uma estratégia que visa indicar para seu filho qual o melhor caminho a tomar para que a vida social seja bem-sucedida. A seguir, uma tabela na qual é possível ter uma perspectiva comparada dos temas e da maneira como foram abordados no texto dramático de Shakespeare e na narrativa de Machado. Observa-se na primeira coluna os temas que são comuns aos dois textos, na segunda a maneira como Polônio aconselha seu filho, na terceira como o pai de Janjão tece seus conselhos.

Tema	Polônio	Pai de Janjão
Conselhos	E esses poucos preceitos em tua memória busca gravar	Fecha aquela porta, vou dizer-te coisas importantes
Sobre o pensar	Não dê voz aos teus pensamentos	Deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio

Sobre as finanças	Não peças emprestado e também não emprestes.	Assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelhar um ofício para a hipótese de que os outros falhem
Sobre as amizades	Os amigos, depois de testada a adoção, prende-os bem firme na alma com grampos de aço, Não vás cansar tua mão entretendo um comparsa Implume que nem bem saiu do ovo.	Os passeios nas ruas, mormente nas de recreio e paradas, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado por que a solidão é a oficina das ideias.

Guardadas possíveis diferenças sobre a sociedade dinamarquesa e a brasileira respectivas sociedades, os temas abordados em ambos os diálogos são semelhantes, mas a maneira de cada personagem sugerir os conselhos é distinta. Polônio indica o caminho da ética, da retidão. O pai de Janjão a seu tempo, sugere a chalaça, a malandragem e a esperteza, o famoso jeitinho brasileiro. Portanto, de um lado tem-se um pai inserido nas disputas de aristocratas de um reino da Dinamarca, cercado de homens desejosos de poder e glória tenta indicar o caminho correto para que seu filho tenha um proceder baseado na ética. De outro, o pai que reside em um país em busca de sua identidade e que, pela ausência de uma aristocracia genuína, performa os valores da elite europeia. Nesse cenário, o pai de Janjão não parece estar preocupado com valores éticos e sim com o objetivo de que seu filho consiga realizar o sonho que ele mesmo não conseguiu: fazer parte da elite brasileira. Um dos pontos em comuns nos dois textos é a presença do filósofo Maquiavel e seu texto mais conhecido: *O Príncipe*. Em *Hamlet*, Cláudio usurpa o trono através de regicídio, e como monarca, não mede esforços para se manter no poder. Nesse sentido, pode ser considerado uma figura maquiavélica, afinal, “não deve se importar se o considerarem cruel quando, por causa disso, puder manter seus súditos unidos e leais” (Maquiavel, 2008, p.164).

Há outro ponto comum e que surge a partir do *Príncipe: a aparência*. Para o filósofo que viveu a modernidade, período de grandes transformações sociais, “os seres humanos, de uma maneira geral, julgam mais pelo que veem e ouvem do que pelo que sentem. Todos veem o que parece ser, mas poucos realmente sentem o que és” (Ibid., p. 176). Ainda a respeito de aparências,

podemos ler nas tragédias de Shakespeare a tensão, enunciada no *Príncipe*, entre aparência e essência. No fundo, tal questão, de suma importância para Maquiavel, consiste em uma inversão. Ao contrário do que se poderia imaginar, o pensador florentino tece, ao longo do *Príncipe*, um verdadeiro elogio às aparências em detrimento da essência do comportamento político (Ferraz, 2013, p.67).

Na peça *Hamlet*, essa afirmação recai sobre a personagem Polônio. Um pai na aristocracia dinamarquesa que ocupa o cargo de conselheiro do rei, é prolixo, bajulador e dotado da capacidade retórica. Polônio é a personagem que quando está presente realiza a tessitura entre as demais personagens, é ele quem tem contato com Cláudio, Hamlet, Ofélia, Gertrudes e Laertes. É ele quem sabe dos segredos, das meias verdades, do que é dito em segredo, que muda sua opinião ao sabor do vento. Paradoxalmente, os conselhos que dá a Laertes seguem outra direção e propõem o viver a partir de preceitos éticos. Sobre o pensar sugere a Laertes: “não dê voz aos seus pensamentos”, ou seja, não transforme em discurso suas opiniões e conceitos, tão pouco transforme um juízo (pensamento) em ato. Nas relações sociais aponta a necessidade de demonstrar-se familiar, próximo, mas nunca vulgar, e que aos amigos, após ter certeza que assim esse poderiam ser chamados mantivesse com eles estreita relação. Aos que fossem recentes, ou apenas conhecidos, não desperdice seu tempo apenas para entretê-los. Quando da situação de um debate ou polêmica, evite tomar partido, mas uma vez feito vá até às últimas consequências. Polônio também indica como deve ser a vestimenta, recomendando que essa fosse sempre comedida, discreta, a fim de não chamar a atenção evitando “pavoneios” e que estivesse sempre de acordo com as posses financeiras. E por falar em dinheiro, indica que o ideal é nunca pedir emprestado, tão pouco emprestar. Seu último e derradeiro conselho é: “sejas fiel a ti mesmo”, aos seus valores e princípios.

Percebe-se que todo o discurso de Polônio visa construir um caráter correto em seu filho, ancorado na honra, na verdade e na ética. Contraditoriamente, no momento em que está tomado pela raiva da morte da irmã e do pai, Laertes aceita um confronto com Hamlet e, ao invés de ser fiel a seus valores e correto, aceita um duelo forjado e desigual, partindo para o combate sabendo da ardilosa armadilha que Cláudio preparou para assinar Hamlet.

Se na peça do dramaturgo inglês, como pode ser verificado, a referência a Maquiavel não é evidente, no conto machadiano ela é explícita: “Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe de Machiavelli*” (Assis, 2008, p.820). Pereira (2018, p.151) aponta para a presença de Maquiavel no conto *Teoria do medalhão* afirmando que “o tratado proposto por Machado no conto equivaleria, em parte, aos conselhos que Maquiavel”. Ao recriar a cena da peça Hamlet e adaptá-la à realidade histórica do Brasil, Machado cria uma personagem que é reflexo dos costumes sociais da época do final do séc. XIX. Nesse período, ocorria a transição dos valores coloniais para os burgueses e a sociedade brasileira estava em transição e Machado

passou a reproduzir satiricamente o que seu olhar percebeu como a consequência do choque cultural de seu tempo: aqueles que não se adequassem ao tipo exigido a partir de então, seriam excluídos. Não importa se a adequação fosse “de fachada”, afinal, na modernidade o principal imperativo passava a ser as aparências. (Arnaud, 2006, p.18).

Teoria do Medalhão é uma oportunidade para Machado representar, e criticar, a importância dada à aparência pela sociedade de sua época e do qual o discurso do pai de Janjão, um pai na periferia do mundo, é reflexo. Seus conselhos conduzirão o jovem a uma vida vazia, sem sentido, em cuja prioridade serão as aparências sociais e a frivolidade.

Como Polônio, discorre sobre várias instâncias da vida prática: sobre as ideias sugere que elas são perigosas e devem ser evitadas, principalmente as autênticas. As amizades, por sua vez, podem ser de toda a ordem, desde que não se fique sozinho, afinal, a solidão é fábrica de ideias, e como já dito, deve-se mantê-las distantes.

As opiniões devem ser encontradas entre os que têm igualdade de pensamento, ou seja, entre seus pares. O pai de Janjão, inclusive, indica onde um homem pode encontrá-las: nas mesas de bilhar, ali “três quartas partes dos habituados do taco partilham da mesma opinião”. Seu último e derradeiro conselho é que o filho use a chalaça, o gracejo, provocadora do riso, e do bem-estar.

Em síntese, Janjão tem um pai que lhe empurra para a vida como um alpinista social, sua única preocupação deve ser a de se relacionar bem socialmente, alcançando posições sociais cada vez mais altas até o ponto máximo: tornar-se um Medalhão. É como se esse pai dissesse: “Vai Janjão, ser Polônio na vida!”. Percebe-se que Machado, para construir os conselhos do pai de Janjão, parte das preocupações expressas por

Polônio, entretanto, paradoxalmente, tendo em vista que os valores da sociedade brasileira não eram os mesmos da sociedade da Dinamarca, ocorre uma torção no discurso da personagem brasileira e seus conselhos indicam a prática da banalidade e do senso comum.

Considerações finais

No percurso transcrito aqui, ponderou-se que *Teoria do medalhão* é uma adaptação machadiana para a realidade brasileira do excerto de *Hamlet*. Sendo assim, traz em si rudimentos da recepção de Shakespeare no Brasil do século XIX, mas apenas isso, o texto é também o espelhamento das condutas sociais, e das patriarcais, do Brasil Império. Salvaguardando digressões e peculiaridades socioculturais de cada contexto, a análise tencionou conjecturar o dialogismo existente o *Bruxo do Cosme Velho* e o *Bardo* que, identificável em *Teoria do Medalhão*.

Ponto a ponto, foram sendo indicados as possibilidades de diálogo, de alusão e de inferências e que legitimaram a hipótese de intertextualidade. Contudo, é importante salientar que a perspectiva assumida diante dessa relação não foi a de buscar fontes e influências, colocando Machado de Assis como tributário a obra de Shakespeare, mas indicar as relações entre autores e obras, trânsitos discursivos e temáticos que configuram o *próprio e de alheio* (Carvalho, 2003) de cada um dos textos.

Por meio de aproximações realizadas, foi possível identificar que Machado de Assis traça um panorama da sociedade brasileira de sua época a partir de um pequeno fragmento da obra de Shakespeare. A Voz do pai de Janjão é um entre tantos ecos shakespearianos na obra de Machado de Assis, quantos outros ainda ecoam e merecem ser escutados? Ouvidos atentos para o que nos diz o Bardo por meio de Machado. Ouvidos atentos para o que nos diz Machado a partir do Bardo. Ouçamos a voz do Bardo, ouçamos a voz do Bruxo do Cosme Velho. E o resto? É só silêncio.

Referências

ARNAUD, Luciana Barreiro Bastos. *A escrita caleidoscópica: uma discussão sobre as estratégias críticas na ficção machadiana*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2006.

ASSIS, Machado de. *Contos definitivos*. 6. ed. Porto Alegre, Leitura XXI, 2006.

ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*. Organização de João Roberto Faria, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*: Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: UFSC, 2013.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*, 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: DPL Editora, 2008.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Teoria do medalhão”: o príncipe, de Machado de Assis (e suas repercussões). *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, p. 150-164, jan./jun. 2018.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SHAKESPEARE, William. *A trágica História de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Tradução de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

TELES, Adriana da Costa. *Machado e Shakespeare*: intertextualidades. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 10/03/2024